

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Sociais – Departamento de História  
Curso História, Sociedade e Cultura

**A Geração Beat: uma análise historiográfica**

ANTONIO CALIXTO PINHEIRO JUNIOR

São Paulo  
2011

ANTONIO CALIXTO PINHEIRO JUNIOR

**A Geração Beat:** uma análise historiográfica

Artigo apresentado para a conclusão do curso de História, Sociedade e Cultura, sob orientação da Professora Dra. Ana Bárbara Ap. Pederiva.

São Paulo  
2011

## RESUMO

Geração beat (*Beat Generation* em inglês) é um termo usado para descrever a um grupo de artistas norte-americanos - principalmente escritores, poetas e músicos de jazz, que vieram a se tornar conhecidos no final da década de 1950 e no começo da década de 1960.

Esse grupo de intelectuais visavam através da poesia, da prosa, da inspiração no jazz; expressar a sua rebeldia e descontentamento com a cultura e o modo de vida da sociedade norte americana daquele período. Portanto regras, limites, caretes, dogmas e preconceitos, estavam por fora.

A Geração Beat consolidava-se como um movimento não estático e organizado, sem normas fixas, programas ou objetivos pré-determinados, foram considerados os percussores dos movimentos de contracultura, pois outros surgiram posteriormente como os hippies, por exemplo.

Numa explosão criativa, livres da sobrevivência e da morte, buscavam tranceder os limites físicos, intelectuais e sociais de sua geração; era um sopro de ar fresco na cultura norte-americana dos anos 50.

Esse movimento deu origem a uma das mais originais e criativas manifestações culturais no auge da Guerra-Fria. A força de sua atitude e ideologia construiu muito do que continuamos desenvolvendo hoje – o pensamento ecológico, a exploração dos sentidos, a liberdade sexual, além da valorização de culturas que eram pouco conhecidas anteriormente.

## PALAVRAS – CHAVE

Vida; Cultura; Movimento; Juventude; Atitude; Geração Beat.

Segundo as obras de Sergio Cohen (Geração Beat), Claudio Willer (Geração Beat), Andre Bueno/ Fred Góes (O que é Geração Beat?) essa geração poderia se caracterizar como:

Grupo de poetas, prosadores e artistas norte-americanos que surgiram na década de 1950, com grande furor e esplendor, a Geração *Beat* caracterizou-se como um forte movimento que conquistou os jovens de todo o mundo. Sua cultura ofereceu uma nova perspectiva aos que não aceitavam o modo de vida convencional da época. Daí necessita-se a importância de seu estudo, pois a Geração Beat expandiu-se, ficando conhecida mundialmente.

Podemos visualizar sua contribuição na consolidação do rock and roll como principal gênero musical da década de 1960. Prova disso foi quando John Lenon, (um dos maiores artistas do rock) deu o nome a sua banda de *Beatles* (*Beat-tles*), em homenagem ao movimento. (Bueno/Góes, 1984, p.74).

É impossível deixar de falar sobre o contexto histórico em que o pensamento *beat* se propagou; surgiu nos Estados Unidos do pós-guerra e se difundiu durante os anos de 1950, extremamente marcados pela Guerra Fria, pelo anti-comunismo e pelo auge do pensamento militarista e conservador nos EUA. Foi nesse ambiente que as vozes dos escritores *beat* pela primeira vez se levantaram, abrindo novas possibilidades que seriam exploradas nas próximas décadas.

Um movimento novo, radical, libertário, mostrou ao mundo como a arte, a música, a prosa e as poesias podem influenciar e transformar de forma, não atômica, a cultura nos EUA. Nesse período nenhuma forma de repressão foi capaz de silenciar esses jovens, pois a coragem refletia-se em novas atitudes. A atitude como forma de contestar, de superar os limites e também de quebrar regras e paradigmas.

De acordo com Pereira (2009, p.09)

“Já se anunciava nos Estados Unidos, desde os anos 50, com uma geração de poetas – a *beat generation* – que produziu um verdadeiro símbolo do fenômeno com o poema “Howl” (Allen Ginsberg), que, traduzido significa uivo ou berro. Nessa mesma época, com seu apogeu por volta de 1956-1968, surge o rock’n roll, sintetizado na figura provocativa de Elvis Presley, aglutinando um jovem público que começava a fazer deste tipo de música a expressão de seu descontentamento e rebeldia, tornando inseparáveis a música (ou a arte) e o comportamento. É a chamada juventude transviada, com

seus gangs, motocicletas e revoltas contra os professores na sala de aula. São os “rebeldes sem causa”.

Ainda a muito do que se entender, muito do que se apreciar, discutir sobre o legado deixado pela *Beat Generation*.

Segundo Claudio Willer (2010) - A expressão “*beat generation*” surgiu em uma conversa entre Jack Kerouac e John Clellon Holmes em 1948. Eles discutiam a natureza das gerações lembrando o glamour da *lost generation* (geração perdida), e Kerouac disse: “ Ah, isso não passa de uma geração beat”. Falavam sobre ser ou não uma “geração encontrada”, ou qualquer outro epíteto.

“O grupo consistiu em Jack Kerouac, Allen Ginsberg, William Burroughs, Gregor Corso, Lawrence Ferlinghetti, Michael McClure, Gary Snyder e muitos outros”. (Willer, 2010, p.10)

Em uma de suas associações, *beat* tinha como significado a batida dos músicos de Jazz; incorporando coisas como movimento, embalo e ritmo. Buscando a ligação direta do corpo com a sensualidade, numa junção de liberdade e prazer - onde não existia espaço para o pudor ou repugnância, preconceito ou preceitos.

Por outro lado poderia significar várias coisas também como: bater e beatificar, céu e inferno, anjos e demônios. Mistura curiosa, pois nesse caso os opostos realmente se atraem.

Por extensão, *Beat* significava também, nas obras e na própria vida das pessoas daquela geração, fluência, improviso, ausência de normas fixas, envolvimento profundo que traz música, swing, liberdade e prazer.

Fazendo menção ao satélite *Sputnick* lançado pela URSS, surge o termo *Beatnick* (*BEAT + SPUTNICK*). A razão para a criação desse termo se deu devido aos escritores *Beats* se auto-proclamarem seres inquietos, ligados e criativos - como verdadeiros foguetes. A alusão a nave soviética, em pleno período da Guerra-Fria, mostra também o quanto os *beats* eram avessos aos valores capitalistas e ao *american way of life* - mesmo não sendo socialistas também, com exceção de Ginsberg.

*Beatnick* dentro dessa idéia referia-se ao fenômeno coletivo, devido ao grande número de jovens que vinham adotando a atitude de ser *beat*. Além do mais,

servia para indicar que algo estava acontecendo: não designavam mais um grupo de autores, mas um acontecimento social, de grande impacto!

A vida *Beat* deslocava-se, geograficamente, da Costa Leste para a Costa Oeste, assim como por toda Carolina do Norte, sempre reafirmando ser uma geração de movimento. Os exemplos estavam em bares, cafés, comunidades e festas. Estes eram locais onde a vida beat poderia ser realmente sentida.

A expressão *Beat Scene* mostrava os acontecimentos, os palcos e lugares ocupados pela Geração *Beat* em seu período de maior efervescência e contestação. A *Beat Scene* buscava a perfeita combinação da música Jazz com a livre poesia. Ai está o estilo *beat*: textos em ação; prosa espontânea; frases de corpo em movimento, poesia, música, etc.

O céu se misturando com o inferno, a vida não temendo a morte, a arte libertando a vida.

“Os poemas e prosas desse movimento eram carregados de *Beat* (batida), Feeling (sentimento) e Swing (gingado, balanço). Onde o lema era: “Pobres, mas livres, independentes e espiritualmente ricos” (Bueno/Goes, 1984, p.11)

Mas não era apenas nos Estados Unidos que essa combinação de marginalidade, boemia e revolta vinha ganhando força. Chicago, Nova York exibiam novos rebeldes sem causa. Os bairros boêmios de cidades européias como Londres e Paris estavam se enchendo de também de rebeldes que começavam a falar uma linguagem de contestação e revolta. A contestação ganha marca fortemente anárquicas, voltadas para a transformação da consciência e do pensamento.

Ginsberg: “Todo movimento político é basicamente anti-criativo – já que todo movimento político é uma forma de guerra” (Cohen, 2011, p.120)

Burroughs: “Conflitos políticos são meras manifestações superficiais. Se o conflito aparece, pode-se ter certeza que certas forças possuem a intenção de manter esse conflito em operação, já que eles esperam lucrar com a situação” (Cohen, 2011, p.114)

Presencia nas falas de Ginsberg e Burroghs a insatisfação dessa geração com a política e o com qualquer modo de produção vigente na época. Fica nítido que a política não serviria como objeto de transformação social, pois estava sendo

utilizada como o intuito de servir um dos dois modelos socioeconômicos (Capitalismo/Socialismo) da época da Guerra – Fria.

De ambos os lados do Atlântico, novos ventos mostravam a tentativa de se renovar o pensamento crítico sobre as novas contradições surgidas no período pós-guerra. Como o de modo de produção vinha interferindo naquelas sociedades industriais e super avançadas.

Não demorou muito para que as críticas começassem a aparecer. Pela esquerda, o Partido Comunista, os criticava por não lutarem dentro dos sindicatos juntos aos trabalhadores norte-americanos. Já pela direita, a crítica vinha pelo modo de vida ser totalmente alternativo e avesso aos valores tradicionais da classe média norte-americana. Como, por exemplo, o uso constante de drogas e a pregação da liberdade sexual, mental e espiritual.

Ginsberg: “Há também certos estados que são atingidos com o ópio e a heroína, uma percepção quase descorporificada, como olhar para baixo, para a terra, mas de um lugar depois da morte. Em geral, é claro, com alucinógenos se alcança estados de consciência que subjetivamente parecem ser de êxtase cósmico ou demoníaco. A nossa versão de uma consciência expandida é muito uma percepção de informações inconscientes que vêm à superfície” (Cohen, 2011, p.55)

Esse relato de Ginsberg mostra que o uso de drogas, de alucinógenos, por parte dos beats se diferenciava dos usuários comuns. Os entorpecentes tinham como propósito tentar levá-los ao “Nirvana”, ou seja, um “estágio” que jamais poderia ser alcançado de forma natural. Nesse estágio as resistências físicas e psicológicas poderiam ser superadas, seria uma busca total pelo verdadeiro estado de natureza do ser humano.

Segundo André Bueno e Fred Goes (1984) - Os *Beats* não buscaram força apenas dentro da cultura de seu país. Mas também fora. Incorporaram e usaram, a seu modo, o Zen-Budismo. Se o Jazz traduzia a batida, o corpo, magia, o Zen-Budismo introduziu outros elementos: a possibilidade de Silêncio, a Meditação, a Calma, a noção de Vacuidade do Ego, o Desapego ao mundo Material.

O Zen-Budismo significava outro universo, outro olhar sobre a vida, uma força de espírito. Muito diferente da noção de Consumo (de imagens, de mercadorias, de comportamentos, de expectativas, de artefatos tecnológicos, etc.) ao qual a América estava contaminada.

A cultura oriental era algo que chamava muita atenção dos *beats*, pois muitas de suas características poderiam ser incorporadas ao longo de sua jornada.

Os *beats* não cansavam de criticar o estilo de vida e os valores da classe média afluyente na década de 50. Buscavam o rompimento de visões culturais de cunho racista, protestante, e com grande afluência material de suas sociedades.

Diante disso os *beats* buscaram interligar sua tradição cultural com um dos expoentes da fortíssima cultura musical negra, o Jazz.

Jack Kerouac: “Jazz é muito sofisticado. É tão sofisticado quanto Bach. Os acordes, as estruturas, a harmonia, tudo. E então vem aquele ritmo maravilhoso. Você sabe bateristas maravilhosos. Eles conseguem criar o ritmo. É uma grande levada. O jazz pode levar você para fora de si mesmo”. (Cohen, 2011, p.15)

A cultura Jazz significava para os *beats* a saúde, o remédio para as doenças de uma sociedade vitimizada e congelada. Da alienação pelo consumo, até a sua carcerização regida pela competição desenfreada.

Os *beats* sentiam que o Jazz reproduzia as pulsações de seus corações, tornando possível a experimentação de outras sensações. A comprovação disso encontra-se nessa passagem escrita por Ginsberg: “Miseráveis e Esfarrapados com olhos sagrados nas alturas do fumo. Na escuridão sobrenatural dos prédios gelados flutuando através do topo das cidades contemplado Jazz” (Bueno/Góes, 1984, p.74).

Outra característica os *beats* que não pode deixar de ser mencionada era a aliança que faziam com jovens delinqüentes e com outras minorias como Chicanos, Índios, Traficantes e Delinquentes Juvenis. A união com as minorias sociais se deu porque esses grupos poderiam ser considerados as baratas, os insetos da sociedade industrial capitalista. Por estes motivos o movimento não admitia relações com grupos ou gangues que reproduziam a homofobia e/ou xenofobia.

O inconformismo da Geração *Beat* lançou-se na década de 1940 - passando por toda a década de 1950 - chegando ao primeiro ano da década de 1960. Seus anos de máxima potência e loucura foram de 1955 á 1960.

A força que as sementes plantadas pela Geração *Beat* iriam ganhar na década de 60, mostrou o quão estavam infundadas as críticas ao movimento. Como provas estão às manifestações pacíficas nas lutas pelos direitos civis. E críticas

contundentes a Guerra do Vietnã e a proliferação de armas nucleares. Tudo isso feito sem o uso de armas ou força física.

Ginsberg: “No geral eu simpatizo, é boa a idéia de uma revolução contra a estupidez americana, acho que é uma coisa boa, por exemplo, em Cuba, e obviamente no Vietnã” (Cohen, 2011, p.139).

Apesar de reprovar a forma como o modo de produção socialista foi concebido na URSS e nos outros países. Dos beats, Ginsberg, era o que mais possuía simpatia pelos ideais comunistas de Marx e Engels. Portanto, essas derrotas do imperialismo norte-americano ajudavam a luta dos beats em libertar a sociedade norte-americana.

“Diante desse contexto, segundo Ginsberg, é quando a *beat* termina. Em suas palavras o movimento literário da geração beat durou até que o termo se tornasse nacionalmente popular, no final dos anos 1950” (Willer, 2010, p.101).

Portanto a Geração *Beat* não termina absolutamente num fracasso, mas deságua em um espaço político, estético e existencial muito amplo e importante para os movimentos de contracultura que vieram posteriormente. Basta observarmos como esses movimentos radicalizaram através da música, do amor e da literatura, as cabeças dos jovens na América e Europa.

Não há como negar o quanto a Geração *Beat* foi fundamental para os jovens no período de sua existência. Seus expoentes mostraram aos jovens que antes de mudar o mundo, é preciso modificar a vida. Por este motivo nem a Guerra Fria e nem o *american way of life* foram capazes de inibir esse movimento, pelo contrário.

Vimos o quanto esses dois acontecimentos serviram como matéria-prima para o seu desenvolvimento. Ambos instigavam os jovens a buscarem o modo de vida completamente alternativo ao que estava imposto pela sociedade norte-americana.

O interesse desses jovens não se direcionava sobre qual superpotência deveria vencer a Guerra Fria ou qual modo de vida ou produção deveria prevalecer em suas sociedades. De que adiantava viver num país com grande prosperidade econômica se a cultura capitalista tornava-os escravos e alienados?

Portanto a libertação só poderia ser alcançada se todos os meios fossem explorados, da literatura á musica, da religião as drogas, e, principalmente, da descoberta da vida como um todo.

O processo como foi mostrado, foi longo, intenso e cheio de histórias fascinantes.

Quantos jovens devem ter pegado a estrada ao lerem as histórias contadas por Kerouac em *On The Road?* Milhares!

Quantos jovens devem ter viajado com Ginsberg pelas ruas da cidade depois de terem lido *How?* Milhares!

Michael McClure: “Quando ouvi o *Uivo* pela primeira vez, naquela noite, ele me tocou profundamente, e fundou uma possibilidade poética que todos nós decidimos adotar. *Uivo* possibilitou que toda uma geração fosse mais livre, aberta e profunda, mais engajada socialmente na sua poesia e arte”. (Cohen, 2011, p.29)

As palavras de McClure expressam com perfeição a importância do Uivo como uma das mais importantes obras da manifestação da cultura beat. A pregação de uma revolução sem armas ou interesses econômicos mostrada na história da humanidade. A arte e a poesia beat buscavam um sonho de revolucionar a mente e alma do ser humano, ou melhor, unificá-las! Tudo isso em sons, batidas, palavras, uivos, gritos, etc. Pode-se dizer, portanto, que é o encontro ideal do ser humano com a vida.

Esse era o poder que os *beats* tinham sobre os jovens, o poder de fazê-los buscarem a vida pela arte, e não pela violência, guerras ou repressões. Tudo indica que os jovens conseguiram sacar isso muito bem.

Novidade também foi o que os *beats* trouxeram a cultura e a vida norte-americana. Por este motivo que eles foram os percussores dos movimentos de contracultura. Sem eles as minorias provavelmente não teriam tido um grande poder de voz nesse período.

A loucura, o caos, o medo tão aterrorizantes para as sociedades industriais capitalistas; para os *beats eram* apenas os ingredientes que moviam seus corpos, mentes e espíritos.

Por isso tudo que a cultura *beat* conseguiu transpor barreiras, fronteiras e oceanos. Os jovens da Europa também puderam provar o gostinho de ser *beat* - e assim como os jovens norte-americanos foram se tornando contestadores da

padronização, da carece e da pobreza de espírito ao qual estavam inseridos socialmente.

Outra raiz que não pode deixar de ser lembrado foi o festival de música Woodstock, frequentado pelos seus sucessores diretos, os Hippies. O Woodstock foi à representação mais legítima e impactante da força dos movimentos de contracultura. Aos sons da guitarra de Jimi Hendrix e de tantos outros artistas os jovens pregavam lemas como: “É proibido proibir”, “Paz e Amor” e “Sexo, Drogas e Rock and Roll”. Esses lemas são a representação legítima do legado dessa Geração que foi tão importante (e que continua sendo) para os jovens de todo o mundo.

## Referências Bibliográficas

- BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 2004. 160 p.
- BUENO, Andre; GÓES, Fred. *O que é Geração Beat*. São Paulo: Brasiliense, 1984. 94 p.
- COHN, Sérgio. *Geração Beat*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2011. 245 p.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 2000. 98 p.
- WILLER, Claudio. *Geração Beat*. São Paulo: L & PM Pocket, 2010. 121 p.